

Mário Furtado Fontanive

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

The body of the word. Essay on erasing subjectivity in the writing.

From Hannah Arendt's statement, which says that due to the changes that have happened during the Industrial Revolution, our understanding capacity has been reduced. The text traces a path from the limitation of worker's freedom of action in function of the extreme rationalization of the production process, to the loss of the subjective link with the word, dictated by the passage of calligraphy writing to the typewriter one - which later on was reinforced by the start of digital techniques. Taking the analysis of these changes as a basis, the text proposes that we have lost the notion that the statements came from somewhere, from a subjectivity, and they may keep a burden of testimony, keep an expressiveness which has the potential to put in check the sovereignty of technical rationality.

O corpo da palavra. Ensaio sobre o apagamento da subjetividade na escrita.

A partir da afirmação de Hannah Arendt de que, em função de mudanças ocorridas na Revolução Industrial, houve uma diminuição da nossa capacidade de compreensão, o texto busca traçar um caminho que vai desde a limitação da liberdade de agir do trabalhador em função da extrema racionalização dos processos de produção até a perda da ligação subjetiva com a palavra ditada pela passagem da escrita caligráfica para a feita com a máquina de escrever - que foi posteriormente reforçada com a chegada das técnicas digitais. Tendo como base a análise dessas mudanças, o texto propõe que perdemos a noção de que os enunciados provêm de um lugar, de uma subjetividade e que, por isso, poderiam guardar uma carga de testemunho, guardar uma expressividade que pode pôr em xeque a soberania da racionalidade técnica.

Keywords

Semantics, Linguistics, History of Technology

Palavras-chave

Semântica, Linguística, História da Tecnologia

1-Introdução

“Um manuscrito que se consegue ler fluentemente tem um efeito muito diferente de um manuscrito que se pode escrever, mas que não se decifra facilmente. Fecham-se nele os pensamentos como se de um pequeno cofre se tratasse.” Ludwig Wittgenstein

Em um artigo de 1954, Hannah Arendt (2008) escreveu a respeito do empobrecimento da nossa capacidade de compreensão, ela fez referência à “perda da própria busca de significado e da própria necessidade de compreensão” (Arendt, 2008, pág.340) e acrescentou: “O grau em que os clichês se introduziram em nossa linguagem e discussões cotidianas mostra até que ponto nos privamos da faculdade discursiva...” (Arendt, 2008, pág.331).

Um clichê é um termo oriundo de técnicas de impressão, originalmente é uma matriz usada para imprimir imagens e textos, posteriormente a palavra começou a representar aquilo que se repete até se tornar previsível e o fato de ser previsível é inibidor da expansão para outras leituras.

Arendt liga a perda da capacidade de reflexão à mudança nos modos de produção ocorrida com a Revolução Industrial, liga a dissolução da capacidade de compreensão à dissolução de muitos costumes e tradições que aquela grande mudança na estrutura do trabalho impôs às comunidades. Para ela, aquele movimento levou à substituição do senso comum pela estrita logicidade. Assim:

...a verdade se torna aquilo que alguns lógicos dizem ser, ou seja, a simples coerência, com a ressalva de que essa identificação implica, na realidade, a negação da existência da verdade, na medida em que sempre se supõe que a verdade revela alguma coisa, ao passo que a coerência é apenas um modo de encadear as asserções e, como tal, não tem força de revelação. (Arendt, 2008, pág.340)

Quais as mudanças apresentadas pela industrialização que levaram a esta alteração?

Podemos supor que o trabalho antes da Revolução Industrial estava ligado à dinamogenias, a estímulos derivados de trocas, o artesão tinha uma vivência no trabalho que permitia transitar entre um saber estabelecido por aquilo que Yves Clot (2010) chama de gêneros de ação¹ e as contingências do real. Tomando por base dinâmicas de cheiros, asperezas, densidades, tempos, o artesão percebia ambivalências, decidia conforme estas ambivalências iam se apresentando.

Com a industrialização, podemos situar uma mudança importante na manufatura: a da restrição da mão a poucos movimentos, a gestos padronizados. Podemos verificar isso na invenção de Vaucanson do séc. XVIII:

[...] outra máquina sua demonstra o mesmo estado de espírito: é a máquina de fazer urdidura. Embora não seja totalmente automática, ela pode ser operada por “pessoal não-qualificado” [...] O próprio homem que fabricava a urdidura se comportava como um mecanismo, repetindo gestos idênticos e predeterminados ao longo do dia. (Jacomy, 2004, pág.48)

¹ Gêneros de ação são formas de conservação e transmissão social de meios de agir. Para Yves Clot o gênero “opera a partir de uma lógica interna e de encadeamentos, cuja execução vai poupar inúmeros esforços a quem os põe em prática para ingressar no real” (Clot, 2010). As normas do gênero dirigem o comportamento fazendo ao mesmo tempo coerções e liberando o sujeito dos passos em falso da ação. Pelo gênero cada sujeito pode predizer – pelo menos parcialmente – o resultado de sua ação. O gênero de ação torna hábil quem se apropria das suas operações.

É interessante contrapor uma organização mecânica do trabalho – relacionada a formas de organização vinculadas à revolução industrial – com a prática do artista, que não obriga o sujeito a normas de conduta externas às demandas de sua própria execução. Quando não é impedido de agir, quem trabalha não cessa de reinventar as funções da ferramenta. A atividade pessoal não é apenas condicionada pelos instrumentos sociais da linguagem e das memórias operatórias, ou pela atividade de outrem, ela pode também ser mediatária e recriadora. Mas, definida por normas rígidas, engessada, a atividade deixa de ser um meio aberto à criação.

No livro “Trabalho e poder de agir”, Yves Clot (2010) fala sobre a saúde no trabalho e diz que aceitamos estabelecer normas para que não aconteçam erros, mas estas não devem ser impeditivas de fazer “experiências de contradição”(Clot, 2010, pág.111). No referido trabalho com a urdidura e na maioria das ações dentro de uma fábrica, o trabalhador não tem a possibilidade de reinventar as funções da ferramenta através de trocas entre o gesto que exerce e o que decorre dele.

Tanto a linguagem humana quanto as ações intermediadas pelos instrumentos têm a imprecisão como abertura para a invenção. Henri Bergson nos diz que: “O instinto acabado é uma faculdade de utilizar e mesmo de construir instrumentos organizados; a inteligência acabada é a faculdade de fabricar e de empregar instrumentos inorganizados” (Bergson, 2005, pág.152). Nas imprecisões, abrem-se campos de escolha e permite-se à inteligência refletir sobre suas manobras, o sujeito pode se defrontar com problematizações, o que possibilita organizações mais complexas dos seus esquemas de ação.

Falando do aprendizado, é possível afirmar que ele se dá quando encontramos contradições nos objetos da nossa atenção. Qualquer objeto que contraste com o hábito das nossas ações cotidianas vai chamar a atenção sobre si. Por exemplo, ao encontrarmos algo que apresenta maciez e dureza simultaneamente, vamos considerar se é apenas um objeto que contém essas duas características ou se são dois, cada um com uma. Platão deduz que os conceitos de maciez e dureza dependem um do outro, formando assim uma unidade. Ele considerou que:

[...] na visão da unidade há sempre ao mesmo tempo uma certa contradição, de tal modo que não parece mais unidade que o seu inverso, será portanto necessário quem julgue a questão, e em tal situação a alma seria forçada a uma posição de embaraço e a procurar, pondo em ação dentro de si o entendimento [...] (Platão, S/D, pág.334)

Platão afirma que a consciência deve se ajustar à condição das coisas e não proceder arbitrariamente com elas, ele compara o dialético a um bom cozinheiro, que recorta o bicho sem lhe quebrar os ossos. O trato com esses objetos que contêm em si complexidades precisa estar atento a diferenças, deve dividir e classificar segundo as articulações que o próprio objeto apresenta. Isso não condena o fato de termos esquemas estruturados de ação, são estes esquemas que nos possibilitam interagir. Para construirmos uma imagem em nossa mente, necessitamos que o olho observe vários pontos do objeto a ser enxergado e faça uma síntese. Para tanto, o olhar necessita ter desenvolvido esquemas que regulam esses movimentos. A atenção é um aprendizado, vamos construindo maneiras de estabelecer interlocuções entre ações e lugares.

As imagens que percebemos não são cópias de objetos, são resultado das interações entre os objetos e o nosso corpo. O modo como o objeto afeta o nosso corpo e o modo como o corpo se posiciona para responder a essa afecção é que forma a representação na nossa mente. Por exemplo, ver alguém passar é um evento que inclui mudar a postura do corpo, talvez girar um pouco o tronco, a cabeça, ouvir os passos que se aproximam e que, talvez definam sua velocidade, peso, expressão. Nossos olhos podem ater-se às cores, às formas e aos movimentos. Pequenos procedimentos, aparentemente insignificantes, podem conformar interesse, medo, alegria, indiferença. Ajustamentos corporais de toda ordem são necessários para que possamos ler este evento. É necessário que apresentemos uma forma de atenção que construa a percepção. Damásio afirma: "Para perceber um objeto, visualmente ou de algum outro modo, o organismo requer tanto os sinais sensoriais especializados, como os sinais provenientes do ajustamento do corpo" (Damásio, 2004, pág.193). Em se tratando da recordação de um evento, é preciso que a memória reconstitua também as ações que foram necessárias para a leitura daquele evento.

É importante observar a história que um esquema de ação desenvolve na travessia dos diversos contextos que encontra. Pela repetição de um esquema de ação em diferentes contextos o sujeito pode desenvolver uma plasticidade da ação. A coordenação dos gestos é passível de ser renovada, formando novas funcionalidades. Mas, se na estrutura do trabalho, "o sujeito torna-se incapaz de dissolver os blocos de ação preexistentes, dissolução que lhe permitiria utilizar tão somente as combinações singulares exigidas pelo encontro com uma nova situação" (Clot, 2010, pág.192), pode haver um empobrecimento, um enrijecimento e uma perda da plasticidade das ações. Quem trabalha pode permanecer prisioneiro de funcionamentos congelados.

Com a Revolução Industrial a relação do trabalhador com a técnica tem uma mudança essencial, a prevalência de ações alheias à diferenças. Muito do que atualmente denominamos conhecimento objetivo está ligado a uma forma de pensar que descarta das particularidades do objeto. Bachelard, falando sobre o método científico e de como esse determina as coisas, diz:

Não há portanto um determinismo sem uma escolha, sem um afastamento dos fenômenos perturbantes ou inquietantes... No fundo, o espírito científico não consiste tanto em observar o determinismo dos fenômenos quanto em determinar os fenômenos, em tomar precauções para que o fenômeno definido previamente se produza sem grandes deformações. (Bachelard, 1978, pág.142)

Esse espírito científico de que fala Bachelard, está intimamente ligado às formas de fazer em que "para que tudo seja determinado no fenômeno, é preciso que tudo seja redutível às propriedades mecânicas" (Bachelard, 1978, pág.142). Tanto no laboratório como na fábrica, outras manifestações que não as previamente estabelecidas, as que podem perturbar, são separadas dos processos e quem trabalha tem pouca possibilidade de vivenciar uma experiência de troca na forma como produz.

2-Signo e ação

No livro "Filosofia das formas simbólicas – linguagem", Ernst Cassirer (2001) afirma que os gestos e as mãos estão de tal maneira ligados à palavra e ao intelecto que ambos parecem constituir uma parte do mesmo. Para ele, o sentimento do movimento, a ação, é um fator fundamental na estrutura da consciência, "toda a realidade psíquica consiste em processos e transformações, enquanto a fixação em estados de consciência representa um trabalho subsequente de abstração e análise" (Cassirer, 2001, pág.176). Todo conhecimento precisa de balizamento, de estruturação a partir dos códigos dos signos, mas estes também precisam ter a capacidade de ser afetados pelo que ainda não está codificado. Guardamos memórias de ações² que podem se tornar elementos na combinação de ideias. Mesmo que tais memórias não possam ser precisamente nomeadas, elas podem perturbar e contribuir na instituição e na ampliação de conceitos.

O corpo é o primeiro lugar onde as memórias das ações são guardadas e confrontadas. É plausível afirmar que um corpo não se define por um limite espacial, mas por uma unidade de relações que se mantém no tempo e na interação com o mundo, podemos considerar que temos um acordo de movimentos que se dão durante um certo tempo e que podem definir uma individualidade. Deleuze falando sobre Espinoza diz que:

Para Espinoza, a individualidade de um corpo se define assim: é quando uma relação composta ou complexa (eu insisto nisso, muito composta, muito complexa) de movimento e de repouso se mantém através de todas as mudanças que afetam as partes desse corpo. É a permanência de uma relação de movimento e de repouso através de todas as mudanças que afetam todas as partes, ao infinito, do corpo considerado. (Deleuze, 1978)

Um dos primeiros impulsos dos corpos é o da preservação dessa unidade, para isso eles precisam desenvolver uma imagem, uma representação desta unidade que os define. Os mecanismos dos sentidos distribuídos por todo o corpo ajudam a construir o que ele denomina de *self* neural ou *proto-self*:

O *proto-self* é um conjunto coerente de padrões neurais que mapeiam, a cada momento, o estado da estrutura física do organismo nas suas numerosas dimensões [...] Essas estruturas estão intimamente empenhadas no processo de regulação do organismo. (Damásio, 2004, pág.201)

² Michel Paty, físico, filósofo e diretor emérito de pesquisa do CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique, França) discorre sobre uma "liberdade lógica" que pode se dar no desenvolvimento científico. Ele toma por base Poincaré e Einstein: "Einstein concebia a experiência da criação científica como uma forma particular da experiência mais geral do pensamento. Segundo ele, o ato de "pensar" põe em jogo, além das imagens resultantes das impressões dos sentidos, os conceitos, "todo o nosso pensamento [sendo] um jogo livre com os conceitos" (Einstein, 1946: 6-7). Entretanto, embora o pensamento de um indivíduo se forme graças ao aprendizado e ao uso social das palavras (Einstein, 1941), ele julgava, por experiência própria, que o pensamento conceitual "se desenrola em larga medida sem fazer uso de signos (palavras)". E também considerava, em consonância com o que dizia Poincaré sobre a invenção científica, que ele se efetua "de fato, num grau elevado, de maneira inconsciente". Recuperado em 25 de abril, 2018 de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=50103-40142001000100013

Podemos deduzir que esse proto-*self* instaura uma síntese baseada num conjunto de informações que recebe dos sentidos. O que é exterior ou o que é interior é dado pelo que está incluído ou não nessa síntese. A unidade de um corpo define-se pela ação.

O proto-*self* vai servir de referência para as leituras das interações do corpo com os objetos. Ele é um ponto de referência por meio do qual estabelecemos comparações. Somos uma representação que interage com outras representações.

Para António Damásio, a ação é o impulso inicial a partir de onde se conforma toda a estruturação cognitiva:

A evolução parece ter construído a estrutura da emoção e do sentimento a prestações. Construiu primeiro os mecanismos para a produção de reação a objetos e circunstâncias – a estrutura da emoção. Construiu depois os mecanismos para a produção de mapas cerebrais que representam essas reações e seus resultados – a estrutura do sentimento [...] No princípio foi a emoção, claro, e no princípio da emoção esteve a ação. (Damásio, 2004, pág.87-88)

Toda impressão dos sentidos já é representação, são proto-signos, são lugares onde o que é colhido na ação se relaciona com memórias de outras ações e, a partir destas confrontações, pode ocorrer um adensamento destas mesmas representações.

Ao se mover, o corpo altera as relações entre ritmos e destaca um conjunto dessas relações que se mantém no centro dessas trocas. Segundo Bergson: “À medida que meu corpo se desloca no espaço, todas as outras imagens variam; a de meu corpo, ao contrário, permanece invariável. Devo, portanto, fazer dela um centro, ao qual relacionarei todas as outras imagens” (Bergson, 1999, p.46). Para Damásio, esta estabilidade do corpo, a constância de suas respostas aos estímulos, é fundamental para que a memória possa estabelecer referências e organizar padrões e mapas que regulam as ações.

Qual a relação desta unidade do corpo com a linguagem? Donald Winnicott considera que, inicialmente, a mãe tem uma adaptação praticamente completa às necessidades do bebê. Podemos pensar que os reflexos que conformam as ações iniciais da criança têm uma resposta quase imediata de ações por parte da mãe. “Em outras palavras, ocorre uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber” (Winnicott, 1975, pág. 27).

Com o passar do tempo e o aumento da confiança na independência da criança, a mãe se permite algumas ausências, talvez o que a criança perceba primeiro com a ausência da mãe é a perda de alguma experiência de satisfação. Para iniciarmos a ação de substituição de uma ausência é necessária a consciência de uma descontinuidade do gesto. Num imprevisto momento, onde antes aos gestos

correspondiam reações imediatas, as reações cessam e se apresentam como silêncio.

A partir desta falta a criança inaugura o signo, substitui o que se ausentou por outro objeto. Provavelmente, a ausência do seio faz com que o bebê o substitua pela mão³. Esse gesto inicial posteriormente será continuado em outros brinquedos ou objetos próximos à criança.

Considero que esse objeto destacado do corpo⁴ externaliza a unidade do *self* que Damásio avalia como imprescindível por ser a referência na qual as memórias formam representações. Assim como o corpo, os signos também se definem pela constância de sua imagem na dinâmica de relações que estabelecem e que se mantêm no tempo e na interação com o mundo.

Nos signos fonéticos, por exemplo, o som é falado, produzido por nós mesmos, simultaneamente, esse mesmo som é escutado, se torna uma presença, um objeto, parte da realidade que nos rodeia. É algo interior e exterior. Wilhelm von Humboldt nos fala dessa relação:

Na medida em que na linguagem a energia do espírito abre seu caminho através dos lábios, o produto da mesma retorna ao próprio ouvido. A representação, portanto, é transposta para a objetividade real, sem, com isso, ser subtraída da subjetividade. Somente a linguagem é capaz disso; e sem essa transposição, ainda que silenciosa, para a objetividade que retorna ao sujeito – e que sempre ocorre quando há participação da linguagem – torna-se impossível a formação do conceito e, portanto, de todo o verdadeiro pensamento [...] (Humboldt como citado em Cassirer, 2001, pág. 40)

A interação que um bebê tem com esses objetos-signos iniciais envolve todo o corpo. O bebê os morde, chupa, cheira, baba, torce, mantendo diversas outras formas de contato com os objetos-signos, sem que esses se adaptem inteiramente às projeções da criança. Inicialmente, o relacionamento que o bebê tem com estes objetos é similar ao que se tem com uma alucinação. Winnicott escreve que a reivindicação do bebê seria: “Este objeto faz parte da realidade externa e eu o criei”. Contudo, estes objetos decepcionam as expectativas da criança. Para Winnicott: “[...] a adaptação incompleta à necessidade torna reais os objetos, [...]” (Winnicott, 1975, pág. 25). Uma das transições para a linguagem é a do controle onipotente dos objetos externos para o abandono do controle e, finalmente, para o reconhecimento de que existem fenômenos que estão fora do nosso próprio controle.

A potência para o enfrentamento e transposição desse estágio intermediário (ou transicional) é dada pela ligação libidinal inicial com uma mãe suficientemente boa ou com quem estiver no papel dela. Para colocar-se na perspectiva de outra pessoa, para a descentração, é necessário que previamente se tenha estabelecido o reconhecimento deste outro. Axel Honneth (2007, pág. 69) considera que uma investitura libidinosa do objeto é necessária para que a criança se coloque na perspectiva do outro e para que tenha finalmente uma ideia ampliada e despersonalizada, estabelecida pela visão de muitas perspectivas, da realidade que a rodeia.

³ Atualmente, em imagens capturadas de fetos no ventre da mãe é possível ver que eles também levam o dedo à boca quando ainda estão no útero. Existe ação e aprendizado já no ventre, alguns estudos afirmam que os bebês choram na língua materna, o choro tem um “sotaque” ligado à língua na qual ele está inserido. Certamente estes fatos estão relacionados à linguagem, então, o que se inaugura a partir desta ruptura sobre a qual fala Winnicott? Considero que o que inicia é o processo de reconhecimento dessa separação e a inscrição dessa dinâmica em objetos escolhidos como signos.

⁴ Freud identificava três objetos cessíveis, o seio, o pênis e as fezes. A esta lista Lacan acrescentou o olhar e a voz.

3-O corpo da palavra

Assim como os corpos, as formas simbólicas, as palavras, os signos também devem sua unidade pela dinâmica que mantêm na travessia de diferentes contextos. Para Cassirer, a evolução da representação e designação do singular para o universal se dá por uma espécie de incremento nas interações entre ações. Vigora um processo de abstração, uma evolução das percepções singulares para o conceito genérico. Ele faz um paralelo entre o desenvolvimento de um conceito genérico e o de uma subjetividade e diz que quanto maior é o círculo de atividades de um sujeito, quanto maior a multiplicidade das ações que ele desenvolve, menos ele se reduz a uma delas em particular. “O eu agora se sabe e se apreende não como um mero abstrato, um universal impessoal que se situaria sobre e por trás de todas as atividades particulares, mas como unidade concreta e idêntica a si mesma, que liga e reúne todas as diversas direções da ação” (Cassirer, 2004, pág. 347). O particular aí aparece sempre como contingente e accidental, como apenas uma parcela de uma identidade complexa que se institui através de ações que se estendem, se relacionam e se ampliam em diversos campos. O que distingue uma palavra dos estados de consciência efêmeros é seu índice histórico, as dinâmicas e a amplidão de relações que a palavra tem a capacidade de carregar para estabelecer uma passagem crítica na relação com o presente.

Assim como se dá na formação da subjetividade, a construção do significado, da unidade na linguagem, se dá na dinâmica, nas relações de troca com o real. Podemos conferir às palavras o atributo⁵ que Ezra Pound confere à imagem: “A imagem não é uma ideia. É um nó ou um feixe de radiação; é o que posso, e devo obrigatoriamente, chamar de VÓRTICE, do qual e através do qual e dentro do qual as ideias correm constantemente” (Pound como citado em Bradbury e Mcfarlane, 1989, pág. 192).

Bachelard fala sobre a casa da infância, ele diz que a casa natal está fisicamente guardada em nós, “a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar” (Bachelard, 1978, pág. 207), ela é um grupo de hábitos orgânicos que vai afetar os relacionamentos com quaisquer outros lugares por onde formos. A casa natal é um signo que tem por centro um fundo estável e praticamente inescrutável sobre o qual erigimos nossas representações. A palavra “casa” vive em nós e tem relação com estes hábitos orgânicos. Como interpretar esta unidade da imagem e da lembrança, no misto funcional da imaginação e da memória?

Como se dá o nascimento de uma palavra para uma criança?

Deb Roy, diretor do *Cognitive Machines Group* do MIT, desenvolve processos de visualização “multimodais” com a intenção de ampliar as leituras das interações sociais. Para isso, foi criado um sistema em que diversas técnicas de registro, de áudio, de vídeo, de movimentos, entre outras, se cruzam e, numa interface em que a interação entre esses dados é dinâmica, pode-se alcançar qualidades chamadas de imersivas. Surge assim a possibilidade de estabelecer ligações entre lugar, tempo, palavras e ações. Nesse experimento, denominado *HouseFly*⁶, foram capturados cinco anos da vida em uma casa onde havia uma criança recém-nascida. Com essa tecnologia foi possível registrar, por exemplo, todas as vezes em que o menino brincou com uma bola e, a partir daí, se conseguiu estabelecer uma

relação entre algumas palavras e os espaços ou objetos da casa. Isso permitiu que fosse estabelecida uma ligação da palavra *água*, por exemplo, com lugares como o banheiro e a cozinha, onde é mais pronunciada. Foi possível ver que as palavras têm uma ligação com uma geografia das ações, a identidade da palavra é acompanhada por interações, por percepções que é possível inferir que a constituem.

A origem dos signos está ligada às ações, às interações do corpo. As distinções dos sentidos já são pensamento. O corpo carrega sempre uma questão sobre os começos ou recomeços da linguagem, a nossa percepção do real tem base na acumulação memorial do corpo. O corpo é uma margem instável, simultaneamente sujeito e objeto, linguagem e silêncio, memória e matéria.

Alguns artefatos que permaneceram dos primeiros seres humanos constituem-se basicamente de objetos marcados com incisões que provavelmente deveriam ser similares aos que os homens faziam ao morder, cortar, enfim, ter uma intensa interação física. Penso que podemos analisar esses objetos e ligar as ações inscritas neles à capacidade de abstração. Considero que esses primeiros homens tinham uma forma de relação com os objetos que nos é atualmente inacessível. Muito provavelmente, o entendimento estava entrelaçado com interações sensoriais muito intensas, como quando um animal que responde pelo nome o faz por uma marca indelével que o som deixou na sua memória, os primeiros signos devem ter sido a externalização de representações ainda muito ligadas aos sentidos. Um objeto, o Bastão de Ishango, é considerado talvez a primeira manifestação de um pensamento matemático. Trata-se de um osso com aproximadamente 20.000 anos, que foi encontrado no centro da África.



Figura 1

Esta peça apresenta incisões em forma de linhas retas dispostas regularmente e inclui um cristal em uma extremidade. Provavelmente era usado em algum cerimonial. Alguns propõem que seja um calendário lunar. Para os mesmos que o consagraram como símbolo esse bastão foi também o osso de um babuíno que provavelmente tenha sido morto por eles e para os quais a carne provav-

⁵ Aqui é possível estabelecer uma semelhança do signo com o proto-self como centro de referência para a consciência da unidade do corpo do qual fala Damásio.

⁶ MIT Media Lab. Recuperado em 05 dez. 2012 de <http://www.media.mit.edu/cogmac/publications/decamp-multimedia2010.pdf>

emente tenha lhes servido de alimento. Podemos lembrar também que as incisões neste objeto podem ter sido feitas por choppers ou algum outro objeto derivado deste. Leroi-Gourhan considera que esses primeiros utensílios eram substitutos dos dentes que, em combinação com as mãos que seguravam os objetos, eram usados para rasgar e partir. É possível deduzir que esses primeiros signos carregavam marcas da sede, da fome, das pulsões do corpo. A linguagem tem base em movimentos corporais que podem escapar às codificações e, assim, ter uma abertura para encontrar novos sentidos. Podemos retomar aqui a ideia de Damásio⁷ de que ação, emoção e sentimento são estágios de uma mesma estrutura. Podemos dizer que essa estrutura do signo foi compartilhada por Charles Sanders Pierce quando propôs o conceito de primeiridade, essa presença do agora que sempre nos escapa, podendo se revelar na comunicação estética em que as coisas podem se apresentar deslocadas das relações imediatas, fora da economia das ações cotidianas.

4-A ação na escrita

“As palavras são ações.” Ludwig Wittgenstein

Um manuscrito também é memória e matéria, estabelece um entrelaçamento entre gestos carregados de subjetividade, códigos compartilhados socialmente, tinta e papel. Em um manuscrito do século XI chamado de o Livro de Kells, algumas letras ocupam uma página inteira. O *Monograma da Encarnação*, composto das letras Qui (X) e Ró (P), é formado por um labirinto de traços - em 2,5 cm² foram contados 158 entrelaçamentos - onde é possível encontrar uma variedade de imagens, pequenos animais, insetos e figuras humanas. Podemos admitir que ali as letras representam a moradia de muitos seres em uma palavra que podia trazer a noção de um lugar a ser habitado.



Figura 2
Uma imagem pode guardar leituras outras que não as es-

⁷ Damásio também apresenta uma outra tríade. O self é apresentado como self-neural, central e autobiográfico.

⁸ Texto original: “...Words, English words, are full of echoes, of memories, of associations. They have been out and about, on people’s lips, in their houses, in the streets, in the fields, for so many centuries. And that is one of the chief difficulties in writing them today – that they are stored with other meanings, with other memories, and they have contracted so many famous marriages in the past.”

tritas ao seu vínculo direto de significação. Os ideogramas, por exemplo, incorporam essa dimensão da imagem, conjugando a percepção dos sentidos com a objetividade dos conhecimentos. Leroi-Gourhan dá o exemplo de uma palavra moderna, “lâmpada elétrica”, para mostrar a flexibilidade de interpretações que as imagens dos ideogramas conservam. *Tien-k’i-teng* seria definido por três caracteres que correspondem às palavras “relâmpago-vapor-luminoso”, a imagem trivial da lâmpada elétrica é acompanhada por outras imagens “parasitas” que dão ao pensamento:

...um caminho difuso, sem relação com o objeto de notação, sem interesse quando se trata de um objeto moderno, mas este exemplo banal serve para fazer sentir em que pode ter consistido um pensamento ligado à evocação de esquemas multidimensionais difusos, por oposição ao sistema que fechou progressivamente as línguas no fonetismo linear. (Leroi-Gourhan, 1990, pág. 204)

A escrita por ideogramas pode conduzir a um modo diverso de apreensão do mundo. Até o século XVII, os chineses podiam marcar a passagem do tempo através de mudanças dos aromas dos incensos. Conforme o incenso ia queimando, diferentes aromas iam se alternando, numa forma integradora do olfato que talvez seja o sentido que se liga mais à memória. O olfato envolve toda a sensorialidade humana de maneira mais completa do que provavelmente qualquer outro sentido. É interessante lembrar que Marshall McLuhan (1964, pág. 169) afirma que as sociedades altamente letradas tomam providências para neutralizar os odores dos ambientes. No sistema chinês, o tempo era percebido pelos sentidos e não apenas deduzido pela razão, como se faz quando se lê um relógio mecânico. Em uma fala para a rádio da BBC em 1937 com o sugestivo título de “Artesanato”, Virginia Woolf disse:

Palavras, as palavras inglesas, estão cheias de ecos, de memórias, de associações. Elas estiveram fora, nos lábios das pessoas, nas suas casas, nas ruas, nos campos, por tantos séculos. E essa é uma das principais dificuldades em escrevê-las hoje - quando elas são guardadas com outros significados, com outras memórias, elas que tiveram tantos casamentos famosos no passado⁸. (Woolf, 1937)

Podemos traçar uma história de desmaterialização do texto, podemos dizer que os textos foram perdendo relação com instâncias subjetivas, com os gestos, com o engajamento do corpo. O texto foi continuamente depurado de referências sensíveis.

Algumas transições técnicas podem ilustrar o que sugerimos como desmaterialização do texto. Com a máquina de escrever, houve uma despersonalização da escrita. É certo que houve um ganho na clareza da leitura, mas foi perdida uma relação direta de manifestação de uma subjetividade. É possível inferir que esse afastamento da subjetividade possibilitou a formação de dinâmicas sociais que funcionam como alicerces de nosso pensamento sócio-científico. Esta transição se desenvolve ainda em diversas frentes. A assinatura, que é um momento onde a apropriação da linguagem pelo sujeito é extrema, onde a manifestação de uma gestualidade somente acessada por um sujeito particular é aceita como prova de uma autenticidade, está sendo substituída por uma senha, por um número, e, mais recentemente, por uma leitura que as máquinas fazem do corpo, um escaneamento de uma digital ou da íris. A assinatura, que é uma manifestação de um trabalho de entrelaçamento profundo entre uma subjetividade e a

linguagem, está caindo em desuso.

Em 1964, Herbert Marcuse escreveu o livro "A Ideologia da Sociedade Industrial". Em um capítulo deste livro, intitulado "O fechamento do universo da locução", ele argumenta que a racionalidade da sociedade industrial tomou conta da linguagem. Ao escrever a respeito da funcionalização da linguagem, ele afirma que os conceitos nesta forma administrada são sinônimos de um conjunto determinado de operações e é esperado que não levem a qualquer outra reação que não o comportamento anunciado e padronizado. Marcuse fala da hifenização - explícita ou não: "Bomba limpa", "semi-alfabetizado", "Abrigo de luxo antigoroa radioativa", entre outros⁹. Isto é raciocínio tecnológico que tende a identificar coisas e suas funções. Para Marcuse, nessa forma de raciocínio: "Os nomes das coisas não são apenas "indicativos de sua maneira de funcionar" mas sua maneira de funcionar também define e "fecha" o significado das coisas, excluindo outras maneiras de funcionar. O conceito ritualizado é tornado imune de contradição" (Marcuse, 1982, pág. 95). Para ele, a linguagem funcional é radicalmente anti-histórica: "A lembrança do passado pode dar surgimento a perigosas introspecções, e a sociedade estabelecida parece apreensiva com os conteúdos subversivos da memória" (Marcuse, 1982, pág. 104). Nesta linguagem higienizada, as palavras que têm uma história, que estão sujas de lembranças, não são bem-vindas. "A linguagem recorda o terror e a esperança passados" (Marcuse, 1982, pág. 104). Além disso, a linguagem técnica está ligada à precisão, mas os processos mentais levam à compreensão somente na medida em que reconstituem determinada coisa em seus movimentos, em suas relações universais, transcendendo assim sua redução ao que é imediato.

Para Marcuse, todo conceito que toma distância das coisas imediatas - podemos dizer que não se prende a uma ação particular - se sabe transitivo, não se vê absoluto e é mais tolerante. Virginia Woolf também considerava que as palavras precisam ser dinâmicas:

Talvez essa seja a sua mais marcante peculiaridade - a necessidade de mudança. É porque a verdade que elas tentam pegar tem muitos lados, e elas as transmitem por vários lados, mostrando primeiro de uma maneira, depois de outras. Assim, elas significam uma coisa para uma pessoa, outra coisa para outra pessoa. Elas são ininteligíveis para uma geração, claras como um cristal para outra. E é por causa dessa complexidade, esse poder de significar coisas diferentes para pessoas diferentes, que elas sobrevivem. Talvez, então, uma razão pela qual não temos um grande poeta, romancista ou crítico que escreva hoje é que nos recusamos a permitir a liberdade das palavras. Nós as definimos para um único significado, seu significado útil, o significado que nos faz pegar o trem, o significado que nos faz passar no exame...¹⁰ (Woolf, 1937)

No aforisma denominado "Sur l'eau" do livro *Minima Moralia*, Theodor Adorno fala sobre a atividade incessante, sobre a obrigação do trabalho, sobre o controle e a autoconservação atarefada que a organização da sociedade atual impõe como uma lei. Em contraposição a isso, ele propõe: "Rien faire comme une bête, flutuar na água, olhando pacificamente para o céu, ser, e mais nada, sem nenhuma outra determinação nem realização" (Adorno, 2001, pág. 162). Em outras palavras, deixar o corpo entregue ao movimento das ondas, à embriaguez dos ritmos do mundo em uma espécie de dissolução dos limites do eu.

Mas de que serviria ficar à mercê das flutuações do mundo? No artigo denominado "Por uma filosofia moral

negativa?", Jeanne Marie Gagnebin (2008) considera que desse texto de Adorno é possível inferir a insuficiência de qualquer reflexão moral que não inclui dentro dela aquilo que a interroga como norma. Ela escreve:

[...] essa rememoração crítica da história natural, da corporeidade e da passividade, da materialidade opaca e incontrolável da vida orgânica, não caracteriza somente uma moral autêntica, sem *hybris* iluminista. Ela acarreta uma reformulação da definição do próprio pensar; este não se exaure no brilho da soberania conceitual dominante, mas se abre às hesitações e aos sobressaltos, àquilo que não controla, àquilo que lhe escapa. Somente essa paciência permitiria, como o diz Adorno no seu artigo intitulado "Educação após *Auschwitz*" não reprimir a angústia que habita as entranhas do bicho homem [...] (Gagnebin, 2008)

Para Gagnebin (2008), essa forma de *mimesis*, o entrar em consonância com os ritmos do mundo, estando incluídos nesses o ritmo do corpo e sua fragilidade - tomando assim consciência da precariedade das suas leituras -, põe em xeque a soberania exclusiva da razão autônoma, distanciada das coisas. Assim, os conceitos podem se confrontar com a instabilidade das condições da experiência, esquecida sob camadas de estruturas de ação alienadas de sua união original com um objeto pulsional, podemos dizer, com corpos ou com coisas amadas.

⁹ Os termos são mais ligados a questões da época em que foi escrito o livro.

¹⁰ Texto original: "Perhaps that is their most striking peculiarity - their need of change. It is because the truth they try to catch is many-sided, and they convey it by being many-sided, flashing first this way, then that. Thus they mean one thing to one person, another thing to another person; they are unintelligible to one generation, plain as a pikestaff to the next. And it is because of this complexity, this power to mean different things to different people, that they survive. Perhaps then one reason why we have no great poet, novelist or critic writing today is that we refuse to allow words their liberty. We pin them down to one meaning, their useful meaning, the meaning which makes us catch the train, the meaning which makes us pass the examination..."

Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. (2001). **Minima moralia**. Lisboa: Edições 70.

ARENDT, H. (2008). **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)**. São Paulo, Companhia das Letras.

BACHELARD, G. (1978). **Os Pensadores - O Novo Espírito Científico**. São Paulo: Ed. Abril Cultural.

BERGSON, H. (1999). **Matéria e memória. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes.

BERGSON, H. (2005). **A evolução criadora**. São Paulo, Editora Martins Fontes.

BRADBURY, M. e MCFARLANE, J. (1989). **Modernismo, guia geral**. São Paulo: Companhia das Letras.

CASSIRER, E. (2001). **A filosofia das formas simbólicas: A Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

CASSIRER, E. (2004). **A filosofia das formas simbólicas - II - O pensamento mítico**. São Paulo: Martins Fontes.

CLOT, YVES. (2010). **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum,

DAMÁSIO, A. (2004). **Em busca de Espinosa: o prazer e a dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras.

DELEUZE, GILLES. Les Cours de Gilles Deleuze. Cours Vincennes, (1978). Disponível em: <<http://www.web-deleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>>. Acesso em: 28 dez 2011.

GAGNEBIN, J. M. (2008). **Uma filosofia moral negativa?** Belo Horizonte, Kriterion. Recuperado em: 07 abr. 2013 de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2008000100008

HONNETH, A. (2007). **Reificación: um estudo em la teoria del reconocimiento**. Buenos Aires, Katz Editores.

JACOMY, B. (2004). **A era do controle remoto: crônicas da inovação técnica**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar.

LEROI-GOURHAN, A. (2002). **O gesto e a palavra - 2 Memória e ritmos**. Lisboa, Edições 70.

LEROI-GOURHAN, A. (1990). **O gesto e a palavra - 1 técnica e linguagem**. Rio de Janeiro: Ed. 70.

MCLUHAN, M. (1964). **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Ed. Cultrix.

MARCUSE, H. (1982) **O homem unidimensional, a ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

MIT Media Lab. Disponível em: <http://www.media.mit.edu/cogmac/publications/decamp-multimedia2010.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2012.

PLATÃO. (S/D). **A República - Livro VII**. Fundação Calouste Gulbenkian.

WINNICOTT, D.W. (1975). **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

WOOLF, V. (1937). **Craftsmanship**. Recuperado em 5 de fevereiro de 2018 em: <http://atthisnow.blogspot.com.br/2009/06/craftsmanship-virginia-woolf.html>